



A produção contemporânea de livros para crianças e jovens

Marcia Cristina Silva*

A literatura infanto-juvenil contemporânea se firma cada vez mais, quer pelo aumento de cursos de especialização, dissertações e teses na área, quer pelo espaço reservado às crianças e aos jovens nas livrarias. Nele, entramos num mundo supostamente encantado, mas, se observamos além das belas ilustrações, poucas vezes nos deparamos com *a* literatura. Por trás das cintilantes capas, encontramos o vazio, ideias prontas a serem seguidas e palavras ainda a serviço da educação, capturadas pelo desejo das editoras de satisfazer o atraente mercado escolar.

O livro infanto-juvenil existe como produto concreto, para cuja afirmação no Brasil Monteiro Lobato contribuiu desde 1920. Além de outros que seguiram o mesmo caminho, na década de 70 Ana Maria Machado e Lygia Bojunga deram continuidade a essa proposta, demonstrando que a literatura infanto-juvenil não está aquém da literatura considerada para adultos. Porém, talento como o desse trio de escritores é raro, da mesma forma que é muito reduzido o número de professores habilitados a trabalhar com livros sem chave de resposta no final. Como consequência desse quadro, atualmente encontramos muito mais uma literatura de aparência,

*Doutoranda em Literatura Brasileira (UFRJ).

mercadológica, do que produtos de qualidade. Por que isso acontece? Talvez porque revelar para as crianças que o mundo é um lugar em que estamos o tempo todo nos reconstruindo, fazendo e desfazendo imagens de tudo o que nos cerca e principalmente de nós mesmos, seja desestabilizador – e as editoras normalmente preferam apostar em fórmulas consumidas indiscriminadamente pelas escolas.

Não há como ignorar que, em nosso país, a literatura infanto-juvenil está totalmente ligada à educação. Desde cedo, a criança aprende a ler com o objetivo de ter sua leitura testada em provas ou trabalhos. Poucos são os privilegiados que encontram quem lhes mostre que literatura é acima de tudo um prazer, faz parte da vida e, como tal, não é para ser observada de fora para dentro, mas apreendida nas entrelinhas. Ao contrário disso, a maior parte dos livros classificados como *infantis* ou *juvenis* desaparecem do mercado com a mesma rapidez com que surgem, sem ao menos serem apreciados uma só vez com sabor. Raros são os momentos em que uma criança se encontra dentro de um livro não porque o texto seja destinado à sua faixa etária ou tenha belas ilustrações, mas por ter sido escrito especialmente para ela: um ser único, repleto de interrogações.

Em 1951, Cecília Meireles já refletia sobre esse assunto em seu livro *Problemas da literatura infantil*:

Uma das complicações iniciais é saber-se o que há, de criança, no adulto, para poder comunicar-se com a infância, e o que há de adulto, na criança, para poder aceitar o que os adultos lhe oferecem. Saber-se, também, se os adultos sempre têm razão, se, às vezes, não estão servindo a preconceitos, mais que à moral; se não há uma rotina, até na Pedagogia; se a criança não é mais

arguta, e sobretudo mais poética do que realmente se imagina... Por isso, em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – e não estou dizendo à crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela a satisfaz ou não.

Pode até acontecer que a criança, entre um livro escrito especialmente para ela e outro que o não foi, venha a preferir o segundo. Tudo é misterioso, nesse reino que o homem começa a desconhecer desde que o começa a abandonar (1984, 30).

Apesar de haver escrito livros destinados às crianças, Cecília Meireles tinha consciência de quão difícil é classificar um livro como infantil. Como podemos observar, quase sessenta anos depois suas preocupações guardam toda a pertinência. Enquanto a poeta já inseria temas como a morte e a solidão no universo infantil, reconhecendo que essas preocupações e vivências não são exclusivas do adulto, mas dizem respeito a todos os seres humanos, até hoje as editoras resistem a publicar livros para crianças que tratem desses assuntos. A infância ainda é vista pela maioria como o legado paradisíaco deixado por Casimiro de Abreu no poema “Meus oito anos”, publicado em seu único livro *As primaveras* (1859): “Oh! que saudades que eu tenho / Da aurora da minha vida / Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais!”

A infância não deve ser considerada apenas um tempo de plenitude, mas sim uma fase em que lidamos também com muitas inquietações, uma vez que elas são inerentes ao próprio viver. E isso não deve ser omitido das crianças. Cecília Meireles, por exemplo, já revelava em seus livros infantis que, desde cedo, as crianças estão sujeitas ao desamparo, tal qual “A pombinha da mata”. Nesse

poema, presente em *Ou isto ou aquilo*, publicado pela primeira vez em 1964, três meninos comentam sobre o pássaro que “não tem nada para comer”, “não sabe como fugir” e “com certeza vai morrer”. Porém, não é de fome que irá morrer, mas de saudade. A morte representa, acima de tudo, um afastamento dos outros e, muitas vezes, de si mesmo. Sem o poder do voo, a pombinha, comumente associada à pureza, perde sua essência para, assim como a infância em Cecília Meireles, ingressar na solidão. Aprisionada, a pombinha permanece dentro da mata sem poder voar. É parte desse mundo selvagem e nada pode fazer para manter a esperança.

A ingenuidade de todo olhar morre quando a ilusão do eterno é substituída pela percepção da perda. Não há como esconder das crianças que a saudade significa que o amor, assim como tudo na vida, é frágil e finito; que o mundo é um lugar de procura e não de encontros. Infelizmente, hoje ainda são poucos os autores que se aventuram por essas trilhas desconhecidas. No entanto, dois livros publicados em 2010 demonstram com suas histórias que todo ganho implica uma perda. Impossível crescer sem deixar algo para trás.

O primeiro é o livro infantil *Fina*, de Karen Acioly. Escrito em forma de peça teatral, a história trata da solidão da menina Josefina, que já na primeira cena revela-se uma personagem em conflito: “Ninguém... Ninguém me entende... Eu mesma nem sempre me entendo”. O diálogo inicial é com sua boneca Jeniffer. Logo percebemos que os limites entre realidade e fantasia serão rompidos:

Você quer parar com essa manha de boneca que não abre a boca?
Eu já não disse que você é de verdade? Já não te disse que você é
minha melhor amiga e que eu falo com você e você fala comigo?
É assim, não é? Entende, Jeniffer?

Ai, Jeniffer! Você está muito mimada. Eu tenho agora que adivinhar todos os assuntos que você quer conversar? Eu não estou na sua cabeça. Entende, Jeniffer? Não posso imaginar o que se passa dentro dela (pp. 16-7).

É nítida a necessidade de comunicação da menina, que chega a querer que a boneca tenha pontos de vista próprios, em vez de ser mera extensão de seu pensamento. Fina busca companhia por estar aniversariando e acreditar que ninguém comparecerá à sua festa, muito menos “ele”, um namorado ideal, “perfeito demais para ser de verdade”. Fina confessa a Jeniffer que não o convidou porque ele a acharia “gorda”, enquanto ela se considera “educada e Fina”, “fofa e não gorda”. Porém, no fundo a personagem apresenta a insegurança típica da maioria das crianças que, por se acharem diferentes, temem ser rejeitadas.

Fina resolve seus medos através da imaginação e espera um dia conhecer alguém que a ame por sua “liberdade”, “fofura” e “cabelos superindependentes”. Está nítido que sua autoafirmação depende sobretudo de ser livre, romper limites entre o certo e o errado, transgredir os conceitos impostos pela sociedade. Na realidade, essa pessoa que espera é o retrato de si mesma, pois é ela que, através da fantasia, consegue superar suas dificuldades, uma vez que a criação está totalmente associada à falta.

Em nenhum momento da história aparece outra pessoa para contracenar com ela. Onde estão seus pais? No final, a mãe surge apenas como uma voz distante que a chama para a suposta realidade: as amigas esperam para cantar os parabéns. Mesmo assim, uma porta ainda separa a menina da presença materna e dos outros. Na verdade, Fina está tão só quanto Robinson Crusóe

em sua ilha. Transgressora, cria todo um mundo imaginário para suprir as ausências. Assim, acaba encontrando o menino ideal dentro de si mesma e começa um namoro imaginário.

Karen Acioly desenvolve esse relacionamento criando um plurivocalismo subjetivo, apresentando pensamentos diferentes no interior da menina. Fina entra em contato com o afeto desconhecido: o beijo, o abraço, necessidades que vão sendo supridas através de seu imaginário. O menino ganha voz própria e se emancipa a ponto de Fina se tornar protagonista e antagonista de si mesma:

Fina: Você é inventado.

Ele: Não é verdade.

Ele caminha em direção à boneca de Fina. Pega a boneca para provocar Fina.

Ele: Você já reparou que não veio ninguém para a festa? Não há nenhuma amiga de verdade. Suas amigas são todas bonecas!!!

Ele continua a provocação. Começa a tirar as perninhas de Jeniffer. Fina olha. É impressionante! Fina está em estado de choque.

Ele: Você foi uma ilusão, uma mentira! Você é apenas uma menina com medo de não ter amigas suficientes para colocar numa festa de aniversário! (p. 32).

Podemos notar que a autora brinca com as noções de realidade e imaginação, pois “ele”, que é seu namorado imaginário, afirma existir de verdade e ainda revela a Fina que ela é “uma ilusão, uma mentira!”. Este parece ser o jogo traçado pela autora para revelar aos leitores que tudo é possível, desde que enxerguemos além dos valores que nos são transmitidos.

No final do livro, o namorado imaginário dá uma chave de presente de aniversário para Fina e lhe revela: “Com este presente, você pode abrir qualquer porta!”. Porém, o que o personagem desconhece é que Fina havia aberto a porta quando o tornou real dentro de si, para não ficar sozinha. Mas parece desconhecer esse fato, pois fica extremamente agradecida pelo presente e, por fim, decide usá-lo para abrir a porta “imaginária” e encontrar todas as suas amigas do lado de fora. Realidade ou imaginação? A pergunta permanece em aberto até o final. De qualquer forma, a porta de saída, tanto para a personagem, como para qualquer um de nós, está sempre mais próxima do que imaginamos: dentro de nossa imaginação. Um lugar onde o impossível se torna possível. Onde o real perde estabilidade e podemos multiplicar nossas vozes, nossos olhares e principalmente nossos sonhos. Um lugar onde podemos verdadeiramente existir e nunca estamos sozinhos.

O segundo livro, *Para crescer*, de Ana Leticia Leal, retrata a história de uma menina de dezessete anos chamada Antônia que tem tudo para ser feliz, até ver sua realidade subitamente desconstruída:

Ano 2000. Fim do século, fim do milênio, fim do ensino médio, fim da brincadeira, fim dos meus sonhos. Tudo terminado de uma vez! E dizem que o mundo ainda vai acabar. Qual é! O meu – já acabou (p. 9).

A história de Antônia começa marcada pelo fim. No mesmo ano, a personagem perde a mãe, o namorado decide terminar o namoro, a melhor amiga viaja para o exterior. Além das perguntas normais da adolescência: “Quem sou eu? Por que vivo? De onde venho? Para onde vou?”, a personagem é marcada por um abandono. Descobre cedo que o caminhar no mundo é solitário. Conse-

quentemente, decide não mais seguir a profissão do pai. Todavia, o que fazer? Ou, talvez, a melhor pergunta fosse: por que ainda viver? Vale a pena fazer escolhas, dar início a novos projetos se tudo está predestinado ao fim? Esta é a questão que permeia o livro e também a vida de todo ser humano: a descoberta da finitude e, ao mesmo tempo, a necessidade de reinventar o próprio viver.

Assim, a solidão de Antônia ganha a cumplicidade do leitor, independente de ele ser adolescente ou não. A pergunta que a professora de seu novo colégio inventa – “O que você quer fazer para crescer?” – amplia a noção de crescimento, ao contrário da pergunta clássica: “O que você vai fazer quando crescer?”. Se nesta o crescimento está em segundo plano, figurando como período estático que a criança ou o adolescente experimentará no futuro, na pergunta da professora de Antônia o crescimento é o caminho e também o próprio destino. Não há nada de parado nele, afinal estamos a todo instante percebendo o mundo ao nosso redor e a nós mesmos de formas diferentes. O importante não é fazer algo a partir do crescimento, mas algo “para crescer”. Essa é uma pergunta bem mais incômoda do que a tradicional, pois implica aceitar que tudo se transforma e que, ao contrário do que a pergunta tradicional nos leva a crer, não há certezas a serem alcançadas. Talvez esse seja o aprendizado essencial de qualquer um “para crescer”.

Nessa busca, Antônia decide mudar, deixar de ser “uma garota que, à beira do século 21, ainda sonhava com a camisola do dia!” para descobrir os prazeres do sexo com um colega que acabara de conhecer. No entanto, o que parecia ser um começo logo se transforma em outro fim. Com o posterior desprezo do menino, Antônia descobre que tomar decisões implica também aceitar sozinha as consequências. Portanto, crescer exige coragem. Não é à toa que muitos adultos pre-

ferem não fazer escolhas. Percebemos também uma educação mais preocupada em formar seguidores do que incentivar os alunos a descobrirem seus caminhos. Claro que isso também é uma questão política que se reflete na produção de livros infanto-juvenis. Poucos são os livros como *Para crescer*, que nos proporciona um confronto com nossas incertezas, assim como com nosso potencial para nos tornar autênticos dentro de uma sociedade que em nada contribui para isso.

Antonietta, mãe de Antônia, também procurava a autenticidade. Por isso, tirou a maquiagem do rosto, raspou o cabelo, as sobrancelhas e se despiu por inteiro de suas convicções, de si mesma, na procura do essencial. Antonietta adentrou uma procura extremamente perigosa. Mas, exatamente porque crescer é perigoso, a maioria se acomoda. Desfazendo-se de seu próprio corpo e também de todo o conforto que o dinheiro lhe proporcionava, a mãe de Antônia acaba por “quebrar-se”. No fim, talvez o essencial lhe tenha sido revelado: o inteiro não existe. Quanto mais buscamos nossa completude, mais descobrimos nossas faltas. Assim o pai de Antônia define a morte de Antonietta: “Matou-se, filha. Sua mãe quebrou a estátua de vidro, no seu último instante de vida”.

Na verdade, somos todos estátuas de vidro, aparentemente concretos e inabaláveis, mas, na realidade, quebráveis a qualquer momento. Não passamos de imagens em procura desesperada por concretude. Nem todos estamos preparados para nos deparar no final, como Antonietta, “sem corpo, sem nome, sem nada”. Quanto mais quebramos nossas certezas, mais nos confrontamos com o vazio. E a porta do vazio pode levar tanto à criação de um novo mundo como à total extinção do existente. Se o que não existe não for reinventado, acabará para sempre morto. Na maioria das vezes, percebemos isso tarde demais, como no caso de Antônia e seu pai:

- A sua mãe desistiu, filha.
- Como é que a gente não viu, pai?
- É. A gente devia ter visto.
- Agora, a gente está vendo.
- Agora não adianta nada.
- Pai, será que ela ficou louca?
- Eu não sei... sua mãe sempre foi saudável...
- Mas nos últimos tempos estava estranha...
- Estranhíssima!
- Projeto básico...
- Arroz, feijão e alface...
- Estava na cara, pai.
- Agora a gente acha que estava.
- Antes estava, mas a gente não viu.
- Se a gente não viu, Antônia, não estava na cara.
- É que a gente não olhou direito! (p. 81).

Quantas vezes preferimos fingir que não estamos vendo determinada situação a ter que nos defrontar com a dor? Fingir que tudo está “normal” a fazer algo diferente daquilo a que estamos acostumados? Tanto o pai quanto a filha viram claramente o que acontecia, mas optaram por fingir para si mesmos que nada estava acontecendo, por medo de se confrontarem com o novo: quem é essa pessoa que eu pensava tão bem conhecer? Se me defronto com o desconhecido e com o incontrolável do outro, também me defronto com minha falta de poder e já não tenho mais a realidade sob meu controle. Portanto, para muitos é preferível a cegueira. “Olhar direito” implica perceber o lado esquerdo da vida, tão cheio de contradições.

Por isso, logo após a morte da mãe, o pai tenta recolocar o mundo em seu devido lugar e reconstrói os empregados demitidos, esforçando-se ao máximo para “refazer a vida”. Mas como fingir

que nada aconteceu? Refazer não significa apenas fazer de novo, como da primeira vez, mas criar uma nova vida a partir de então. Enquanto o pai continua no jogo do faz de conta, Antônia já está preparada para ir além. De certo modo, procura um reencontro com a mãe, ao lhe seguir os caminhos: passa o tempo todo no quarto, trancada e sem roupa, talvez para entender que mundo foi aquele em que a mãe entrou e do qual não conseguiu sair.

Antônia, ao contrário de Antonieta, acaba por achar uma porta para escapar da solidão num encontro com a falta dos outros. Ao decidir levar as coisas de sua mãe para doar às crianças do orfanato “que nunca tiveram coisa de mãe para herdar” e filmá-las desfilando e respondendo a mesma pergunta da professora: “o que quer fazer para crescer?”, a personagem, tal como sua professora, compartilha o aprendizado de dor e de crescimento. Assim, na incerteza da carreira a seguir, decide deixar o vestibular para depois. Durante sua trajetória, descobre que às vezes a melhor escolha é ter coragem de ir contra a maioria. Assumir medos e inseguranças, repartir o sofrimento e reconhecer que todos estamos sempre em busca de amparo é o primeiro passo “para crescer”.

Se o mundo da personagem acabou no ano 2000, uma outra história começa a ser construída por cada leitor: um novo presente para Antônia e para cada um de nós se abre após o término do livro, pois todo fim pode virar um começo. Esse é o poder transformador da vida e da literatura. Podemos a todo instante restaurar os vidros ou permanecer estátuas quebradas. Os dois livros analisados demonstram o ganho das personagens ao decidirem se arriscar por caminhos inesperados. Mesmo sem certezas e sozinhos, somos lembrados pela literatura que, independente da idade, a melhor escolha é sempre não deixar de partir.

Referências

- ABREU, Casimiro de. *As primaveras*. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- ACIOLY, Karen. *Fina*. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2010.
- LEAL, Ana Letícia. *Para crescer*. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2010.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.